



## O IDEALISMO ANTICOLONIALISTA DE JOSÉ MARTÍ EXPRESSO EM SEUS *VERSOS SINGELOS*

## THE ANTICOLONIALISM IDEALISM OF JOSÉ MARTÍ EXPRESSED IN HIS *VERSOS SENCILLOS*

Andréia de Fátima Pinsan  
Instituto Federal de Rondônia (IFRO)

Miguel Nenevé  
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar a presença de marcas decoloniais no poema *Versos Singelos* de José Martí, um dos mais destacados entre os poetas latino-americanos do século XIX. Para conseguir compreender um pouco mais sobre o pensamento anticolonial de Martí, contaremos com o arcabouço teórico do colonialismo, pós-colonialismo e com a percepção eurocêntrica do mundo e o pensamento anticolonial apresentados nos estudos dos autores: Hommi Bhabha (1998), Edward Said (2008), Frantz Fanon (2008), Aimé Césaire (1978), Albert Memmi (1957), Walter Mignolo (2013) e Ngũgĩ wa Thiong'o (2003). Analisaremos algumas estrofes do poema para verificarmos como o poeta conseguiu expressar em versos seus ideais anticoloniais.

**Palavras-chave:** Colonialismo. Pós-colonialismo. Anticolonialismo. Literatura.

### Abstract

This article aims to analyse the presence of decolonial marks in the poem *Versos Singelos* de José Martí, one of the most distinguished among the latin american poets of the XIX century. To get to realize a little more about the anti-colonial thinking of Martí, we will count on the theoretical framework of the colonialism, post-colonialism as well as on the eurocentric perception of the world and the anti-colonial thinking presented on the studies of the authors: Hommi Bhabha (1998), Edward Said (2008), Frantz Fanon (2008), Aimé Césaire (1978), Albert Memmi (1957), Walter Mignolo (2013) e Ngũgĩ wa Thiong'o (2003). We will analyse some of the stanzas to check how the poet got to express his anti-colonialist ideas in verses.

**Key words:** Colonialism. Post-colonialism. Anti-colonialism. Literature.



## Introdução

A história de uma nação, de um povo, de um continente ou da própria formação do que conhecemos convencionalmente como mundo pode ser contada de diferentes maneiras e a partir de distintos pontos de observação. Em geral, conhecemos aquela que nos é formalmente apresentada pelos livros, nas aulas de história. Essa é a história já passada pela peneira do que convém ou não convém ser ensinado a esta ou àquela faixa etária. A história formal, tradicional, científica que ao longo de pouco mais de quinhentos anos tem sido escrita nas páginas dos livros mais conceituados é a que é narrada por aqueles que, de uma forma ou de outra, detém o poder. São as vozes daqueles que olham, com olhos superiores e pretensamente imparciais, que se abrem em coro para narrar os fatos e feitos heroicos e louváveis daqueles que ousaram lançarem-se além do bojador, dispostos a enfrentar a dor para desbravar o mar que, segundo Fernando Pessoa, fora contemplado com o abismo e o perigo em suas entranhas, mas também nele havia Deus espelhado o céu.

A essa história formalmente reconhecida como verdadeira, por ser contada pelas vozes colonizadoras, deveria ser somada também aquela que fora vivida por aqueles que já haviam declamado o nascer e o pôr do sol nas terras de além-mar, muito antes desse mar ter sido cruzado por aqueles que fariam o que fosse necessário para emudecê-las.

Ainda que isso não ocorra no campo da ciência, no campo da cultura e das artes todas as vozes podem ser ouvidas, nas mais diversas formas de expressão. É no âmbito artístico que encontramos as amplas possibilidades que a reflexão estética abre ao discutir todo e qualquer tema que seja de interesse social, político, cultural, religioso, científico, entre outros.

Este artigo se propõe a abordar uma dessas possibilidades de reflexão estética, dentro da expressão literária engajada do grande autor, poeta, pensador e ativista anticolonial hispano-americano, o cubano José Martí. O objetivo desta análise é observar como este grande poeta usa sua voz lírica, de forma consciente, clara, concisa e engajada para elevar as vozes cubanas a um brado de liberdade ao mesmo tempo em que a empresta ao continente para que em uníssono, revelem ao



mundo a identidade adormecida de um povo. Primeiramente, e com vistas a alcançar uma percepção um pouco mais ampla do que significava o ideal defendido por Martí, buscaremos conectar o seu pensamento com aqueles que, como ele, em lugares e épocas distintos mostraram preocupações e engajamento semelhantes, criticando em suas obras a percepção eurocêntrica do mundo: Homi K. Bhabha, Edward Said, Frantz Fanon, Aimé Césaire, Albert Memmi e Walter Mignolo.

Na sequência voltaremos nossos olhares para a trajetória de vida de José Martí, cubano até sua última gota de sangue, escritor, poeta, ativista, engajado e articulador revolucionário que esteve diretamente ligado à organização do movimento que culminaria com a revolução independentista, iniciada em Yara em 24 de fevereiro de 1895. Martí não hesitou em lutar, e em nome de sua pátria morreu aos 19 dias do mês de maio do mesmo ano, após serem surpreendidos por uma coluna espanhola. Sua morte não contrariou a vida daquele que sempre se mostrou preocupado não apenas com os problemas do seu povo, mas que esteve sempre atento às lutas travadas em busca da libertação por toda a América e que serviu de inspiração para os que lhe sucederam, sendo até os dias atuais uma referência nos estudos decoloniais. Um homem que respirava com orgulho os ares americanos e sonhava ver a América, especialmente a América Hispânica, liberta do jugo opressor do colonizador, unida e fortalecida cultural, social e politicamente.

Em um terceiro momento pretendemos explorar algumas questões decoloniais mencionadas na produção poética de José Martí. Propomo-nos a explorar a sua postura anti-colonial muito visível em seus textos poéticos. Para isso, consideramos necessário discutir sobre a noção e os conceitos do “anti-colonial”.

## **1 A percepção eurocêntrica do mundo e o pensamento anticolonial**

Uma das estratégias discursivas, talvez a mais difícil de ser rebatida, adotada pelo colonizador europeu durante o processo de colonização, consiste na formação dos estereótipos. A formação de um estereótipo não precisa necessariamente ser comprovada para ser acreditada. O pensador indiano pós-colonial, Homi K. Bhabha argumenta que:



Um aspecto muito importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido... como se a duplicidade essencial do asiático ou a bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provados jamais no discurso. (BHABHA, 1998, p. 105)

No texto citado, Bhabha demonstra sua preocupação com o discurso fixo e generalizador produzido e reproduzido pelo colonizador a partir de sua visão deturpada diante do inevitável choque cultural que acontece quando duas civilizações com bases e origens completamente distintas passam a coexistir. Ao considerar a “duplicidade essencial do asiático”, ele refere-se à ideia de que nunca se saberia se um chinês estaria contente ou zangado, de acordo ou em desacordo, por detrás da sua máscara cortês e solícita, enquanto que “a bestial liberdade sexual do africano”, faz referência aos hábitos culturais como, por exemplo, as mulheres que exibem os seios, os homens que andam de tanga, etc.

As diferenças culturais, sob o olhar preconceituoso do colonizador, assumem um caráter bestial, primitivo e de “inferioridade”. A redução da cultura de um povo em detrimento da cultura de outro é também uma forma de dominação. A dominação cultural é, por vezes, tão forte a ponto de fazer com que o indivíduo e a sociedade da qual ele faz parte acredite que, de fato, a cultura do outro é melhor que a sua e quando isso ocorre há uma perda irreparável de identidade.

Frantz Fanon, psiquiatra e filósofo martinicano formado na França, carismático, revolucionário e um homem de grande coragem. Lutou junto às forças de resistência na África e na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, o que lhe rendeu por duas vezes a condecoração por bravura. Em seguida, tornou-se membro da Frente de Libertação Nacional na Argélia e teve o resto de sua vida dedicado à batalha para transformar a vida dos condenados pelas instituições coloniais e racistas do mundo moderno. Em sua obra, “Los condenados de la tierra”<sup>1</sup> (2015), Fanon reitera o pensamento de Bhabha em relação ao peso que a dominação cultural exerce sobre o colonizado. Fanon como psiquiatra, havia recebido inúmeros

---

<sup>1</sup> “Os condenados da terra”, de Frantz Fanon. Obra que teve sua primeira edição em francês, em 1961, prefaciada por Jean-Paul Sartre. Obra clássica do descolonialismo.



pacientes em seu consultório durante o período em que dirigiu o Departamento de Psiquiatria do Hospital Blida-Joinville, na Argélia. Nesse período, ele pôde observar que a grande maioria dos casos de depressão advinha de problemas de baixa autoestima. Este fato chamou a atenção do autor, que decidiu investigar os casos de depressão e suas possíveis origens. Isso moveu Fanon de tal modo e os resultados dessas pesquisas podem ser observados em suas obras.

Ele percebeu, entre outras questões, que a própria questão da linguagem interferia sobremaneira no modo como os argelianos se viam ou eram vistos pelos seus conterrâneos. Sobre isso, Fanon argumenta que

No momento queremos mostrar porque o negro antilhano, qualquer que seja ele, deve sempre tomar posição diante da linguagem. Mais ainda, ampliaremos o âmbito da nossa descrição e, para além do antilhano, levaremos em consideração qualquer homem colonizado.

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu mato, mais branco será. No Exército colonial, e especialmente nos regimentos senegaleses de infantaria, os oficiais nativos são, antes de mais nada, intérpretes. Servem para transmitir as ordens do senhor aos seus congêneres, desfrutando por isso de uma certa honorabilidade. (FANON, 2008, p. 34)

Percebe-se que Fanon enfatiza o apagamento do outro pelo colonizador. Todos os seus valores, crenças, enfim sua cultura é apagada em detrimento da posição de supremacia dos valores, das crenças e da cultura do colonizador.

Edward Said, um dos maiores intelectuais palestinos, dizia que as representações do Oriente feitas pelos países ocidentais tinham pouca relação com a realidade. Na política, era defensor da causa palestina, mas acreditava que judeus e árabes deveriam conviver num mesmo país. Em seu livro *Orientalismo* (2008), aborda questões que tratam da construção da identidade oriental a partir da visão ocidental, eurocêntrica. O estudo de Said mostra a visão da Inglaterra em relação ao Egito, a partir de um discurso proferido em 13 de junho de 1910, na Câmara dos Comuns, pelo então membro do parlamento britânico, Arthur James Balfour. Em seu discurso, Balfour falou com a autoridade que lhe fora conferida pelos anos de serviços prestados sempre mediando contatos e conflitos nas relações entre a Inglaterra e países como a Escócia e a Irlanda, bem como seu envolvimento e



influência nos negócios imperiais com a Índia, no acompanhamento das guerras afegãs e zulu, a ocupação britânica no Egito em 1882 e tantas outras situações, além de sua inegável inteligência e sagacidade, que lhe possibilitariam falar sobre o tema ao qual se propusera então: justificar a necessidade da ocupação britânica no Egito.

Pela lógica de Balfour, segundo Said, a justificativa encontrava lugar no fato de que a Inglaterra conhecia o Egito e o Egito se conhecia a partir do que a Inglaterra havia feito dele. Said argumenta que não falam por si os egípcios, mas segundo o que diz Balfour, fica latente que se falassem confirmariam o que já era notório e sabido: “que são uma raça submetida, dominados por uma raça que os conhece e sabe o que é bom para eles melhor do que eles poderiam jamais saber por si mesmos”. (SAID, 2008, p. 61 e 62)

Saber o que é bom para o povo colonizado, melhor do que ele mesmo saberia o que é bom para si, é um dos argumentos usados pelos colonizadores para justificar as barbáries por eles cometidas. Desse modo encontraram também as razões necessárias para desconsiderar sua história, sua cultura e principalmente a sua soberania.

Albert Memmi, tunisiano de origem judaica, causou grande impacto quando publicou, em 1957, "Retrato do Colonizado Precedido do Retrato do Colonizador", obra surgida no contexto da decolonização da África, antes da dramática guerra franco-argelina de 1961-62. Em seu trabalho, Memmi faz uma reflexão sobre as identidades e as relações entre colonizador e colonizado. Sua reflexão sobre a posição do colonizador como um exilado voluntário que busca nas colônias os meios de uma ascensão social inatingível na metrópole, e por conta disso se estabelece ou, quando menos, hesita ao máximo em regressar. Desse modo, o colonizador constrói, então, uma identidade ambivalente em parte ancorada nos valores colonialistas, em parte na valorização da colônia, exceto do povo nativo. No modo como Memmi retrata o colonizador, seja o “grande ou pequeno”<sup>2</sup>, combinam-se a ambição de lucro, o apego aos privilégios institucionais, a legitimação da usurpação que faz das riquezas do colonizado, o racismo e o sentimento de superioridade

---

<sup>2</sup> Memmi chama de “pequeno colonizador” ao “europeu vivendo na colônia sem privilégios, em condições de vida que não seriam superiores às do colonizado de categoria econômica e social equivalente” (MEMMI, 2007, p. 43 e 44) e “grande colonizador” é o europeu que possui as grandes propriedades de terra, tem um alto poder econômico e grandes privilégios.



cultural. Ainda que a imensa maioria dos colonizadores não tenha consciência nítida de seu papel histórico, todos tendem a compartilhar desses valores.

Aimé Fernand David Césaire, martinicano, foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e um incansável ativista e defensor da negritude. Césaire, em suas considerações ao escrever seu “Discurso sobre o colonialismo” (1978), não se limita a analisar a onda colonizadora das grandes potências europeias apenas pela devastação cultural que elas causaram, pelo modo violento como operaram ou ainda pela espoliação material de suas colônias. Ele vai além quando cita frases, discursos ou declarações proferidas por líderes políticos e militares, escritores ocidentais, missionários cristãos ou ainda cientistas que chocaram e surpreenderam ao tentar justificar a colonização pela suposta existência de raças superiores e inferiores e por uma imaginária missão civilizadora atribuída pela história à “raça branca superior”.

Ele argumenta que a colonização tem descivilizado as potências capitalistas dominantes, contaminando-as com os métodos violentos e a insensibilidade moral empregados na conquista e na administração dos territórios e povos subjugados e vai direto ao cerne quando compara o horror do nazismo aos horrores cometidos pelos colonizadores. Quando ele analisa o nazismo e sua expansão pelo mundo, ele aponta que o pensamento europeu se mostrou sobretudo preconceituoso. Enquanto a dominação era exercida sobre os negros, índios, árabes e não sobre o branco europeu, não houve espanto quanto às atrocidades que aniquilaram civilizações, afinal, tratava-se de uma “raça de homens inferiores”, portanto homens sem cultura, sem história, sem governo e dominá-los seria vital para sua “evolução”.

Ao contrário do que pregava o discurso colonial, o autor reivindica que “a colonização não é evangelização, empresa filantrópica ou vontade de fazer retroceder as fronteiras da ignorância, da doença, da tirania; tampouco é expansão de Deus ou extensão do direito”. (CESAIRE, 1978, p. 14) Ela é antes uma empresa, uma empreitada que encerra em si os interesses econômicos e a busca pelo poder daqueles que se julgam superiores aos demais.

Walter Mignolo é argentino e professor na Universidade Duke. É doutor em semiótica (École des Hautes Études) e já publicou inúmeras obras sobre teoria literária e semiótica. Pesquisou sobre os diferentes aspectos do mundo moderno e colonial, explorando conceitos como colonialismo global, a geopolítica do



conhecimento, transmodernidade, pensamento de fronteira e pluriversalidade. Sua contribuição intelectual aponta para o decolonialismo como um caminho para a libertação das amarras herdadas do período colonial. Segundo ele, faz-se necessária uma reinvenção do continente americano a partir de novos significados e imaginários, livres dos controles exercidos pelo projeto eurocêntrico hegemônico.

Em entrevista concedida por e-mail à revista IHU On-Line (2013), Mignolo sugere uma expressão indígena, *Abya Yala*, para rebatizar a América Latina, pois ele afirma que

O nome América Latina é consequência da colonialidade do saber. A partir da segunda metade do século XIX, quando se inventa o nome América Latina, esta fica já cativa do vocabulário da retórica da modernidade, ou seja, do autorrelato civilizatório e salvacionista. A Declaração dos Direitos Humanos e Civis coincide com o momento crucial em que a França e a Inglaterra tomam a liderança imperial e se expandem pela Ásia e a África, além de controlarem econômica e epistemicamente a 'América Latina' (MIGNOLO, 2013)

A simples mudança no nome, a princípio, pode parecer não ser de grande relevância, mas considerando a simbologia que ele representa, o contexto no qual ele foi criado, a mudança seria uma revolução no modo de saber e reconhecer o continente.

Mignolo trata também, dentro do contexto pós-colonial, do conceito de pensamento fronteiroço ou o pensar fronteiroço, que segundo ele é “uma maneira de ser e de existir de todos aqueles e aquelas que habitam o border, ‘/’, na fronteira que separa e une colonialidade e modernidade” (MIGNOLO, 2013). Ele diz que cedo ou tarde, aquele que habita do lado da colonialidade, há de sentir a diferença colonial e que, uma vez consciente esse indivíduo teria de escolher entre três caminhos possíveis: “tentamos assimilar, e boa sorte na assimilação; nos adaptamos o melhor que podemos, pois temos que viver; ou, a terceira, nos adaptamos e começamos a construir projetos que apontam para outras formas de vida”. (MIGNOLO, 2013)

Os pensadores mencionados até aqui, suas ideias e estudos sobre o colonialismo, pós-colonialismo e decolonialismo demonstraram que o modo eurocêntrico de pensar o mundo vem sendo desconstruído. Não apenas a parte do mundo colonizada, mas também a parte que exerceu o domínio, e ainda exerce de alguma maneira, precisa ser revista, repensada e até mesmo reinventada.



Ainda segundo Mignolo, não haverá mudança se não houver vontade de que ela aconteça, não haverá vontade se não houver quem acredite que ela é necessária e acredite que ela representa um avanço para as sociedades. O mundo moderno, criado a partir do advento do capitalismo, e para satisfazê-lo, tem propiciado o fortalecimento da megapotência hegemônica que representa os Estados Unidos em relação aos demais países do mundo. Uma vez conscientes de seu lugar e papel no mundo, cada um pode contribuir com sua parte.

O escritor e militante queniano, Ngũgĩ wa Thiong’o, é um dos grandes expoentes da literatura africana, sua trajetória é pontuada pelo engajamento político, expresso também em suas obras. Atualmente leciona inglês e literatura comparada na Universidade da Califórnia-Irvine (EUA). Ao envolver-se com o teatro comunitário, desagradou ao governo de seu país, passou um ano na prisão e por esta razão decidiu exilar-se no fim da década de 1970. Em seu livro, “Decolonising the mind – The politics of language in African literature” (2003), ele aponta o uso da língua como uma arma poderosa na defesa da identidade do povo africano. Durante a década de 70, Thiong’o decidiu escrever originalmente apenas em Gĩkũyũ, sua língua nativa, de modo que as pessoas comuns pudessem compreender seu trabalho. No entanto, ao longo dos anos, as políticas públicas em relação às línguas africanas não têm favorecido seu fortalecimento, ao contrário, cada vez menos pessoas conseguem ler e escrever em Gĩkũyũ, o que representa uma queda na venda de livros nessa língua e o conseqüente desinteresse por parte das editoras em publicar livros que estão fadados a encalhar nas vendas. Apesar das barreiras enfrentadas, Thiong’o não pensa em desistir e ainda que tenha voltado a escrever em inglês, ele tem consciência de que seu trabalho tem o poder de impactar vidas, de mudar paradigmas, de elevar pensamentos, de curar feridas e, por que não dizer, de plantar a semente de um futuro diferente nos jovens e revolucionários corações afinal, como ele mesmo diz, “escritores são os cirurgiões dos corações e das almas de uma comunidade” (THIONG’O, 2003, p. 9). cremos que este conceito é importante para analisarmos o texto de José Martí.

## **2 José Julián Martí y Pérez: um cubano universal**



Em Havana, aos 28 de janeiro de 1853, nasce o jovem José Julián Martí y Pérez. Filho de espanhóis humildes (dom Mariano e dona Leonor), que pela necessidade de sobrevivência haviam emigrado para Cuba, na expectativa de uma vida com melhores condições. À época, Cuba era, juntamente com Porto Rico, a última colônia espanhola no Novo Mundo. Segundo Martí, foram sempre “pobres, muito pobres”. (MARTÍ, 1983, p. 14)

Mas a influência determinante na vida de Martí surge a partir do momento que o menino passa a ter contato com o mestre cubano Rafael Maria de Mendive (1821-86), que além de professor era um poeta de sensibilidade ímpar e um patriota convicto. Era diretor na escola em que Martí estava matriculado e, ao conhecer suas qualidades, pediu ao pai para ser o então responsável por seus estudos. Dali em diante e até o seu desterro em 1869, passou a custeá-los.

Para Martí, Mendive passou a ocupar o lugar de um segundo pai e foi nele que Martí viu com olhos de deslumbramento, “a perfeita combinação do homem de letras, do professor e do patriota; o intelectual que se opõe virilmente à tirania, sofrendo a prisão e o desterro”. (MARTÍ, 1983, p.14)

Contava com quinze anos quando teve início a Revolução de Yara, a guerra cubana contra a Espanha, cuja primeira etapa duraria dez anos. O discípulo de Mendive, embora filho de espanhóis, aderiu desde o primeiro momento à causa de Yara. Pouco tempo depois, publica o poema “Abdala”, quase uma profecia sobre a sua própria vida. “O jovem Abdala deve defender sua pátria, Núbia, (transparente alusão à Cuba), ante o opressor, apesar das súplicas de sua irmã e de sua mãe, em cujos braços acabará morrendo”. (MARTÍ, 1983, p. 15)

Após um incidente, relacionado a uma carta na qual se acusava um colega de traidor por este haver ingressado no exército espanhol, José Martí foi preso e após julgado, foi condenado a seis anos de prisão. Após um ano, tendo cumprido seis meses de trabalho forçado em uma pedreira, foi desterrado e partiu para a Espanha onde viveu de 1871 a 1874. Abandona a Espanha ao final de 1874 e parte em viagem por diversos países, dentre eles França, México, Guatemala, Venezuela, Haiti, São Domingos, Jamaica, Panamá, Costa Rica, Estados Unidos e, eventualmente, por desterro ou vontade própria, retornava à Espanha ou até mesmo a Cuba.



Da Espanha, incorpora quanto de vivo lhe ofereçam seu povo e sua tradição cultural mas verifica, entretanto, a impossibilidade de que Cuba permaneça unida a ela: trata-se de outro país. Nas várias repúblicas latino-americanas onde mora, abre-se à compreensão de uma unidade maior que ele chamará “Nossa América”, na qual Cuba aparece articulada. (MARTÍ, 1983, p.18)

José Martí, inconformado com a realidade cubana, trabalhou incansavelmente, durante toda uma vida, para construir um mundo de liberdade e independência. “De certa forma, a América Latina, tal como a conhecemos hoje, é uma criação de Martí, tanto em sua obra poética, quanto em seus textos políticos e de crítica cultural”. (MARTÍ, 1997, p.8)

Idealista convicto, Martí não desiste e nem sequer titubeia diante das batalhas que enfrenta para convencer seus pares de que a luta era justa e que portanto, todos deveriam lutar. Uma vez Cuba liberta da Espanha, a tarefa agora era livrá-la das garras afiadas da águia do Norte: os Estados Unidos.

Sobre esse ideal, aos 18 de maio de 1895, Martí escreve sua última carta onde explica a Manuel Antonio Mercado (1838-1909), seu melhor amigo e seu principal confidente no México, que a grande tarefa à qual se impôs consistia em “impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendam pelas Antilhas e caiam, com mais essa força, sobre nossas terras da América. Quanto fiz até hoje, e farei, é para esse fim”. (MARTÍ, 1983, p. 28)

No dia seguinte, ao ser surpreendido por uma coluna espanhola, próximo a um lugar chamado Boca de dos Ríos, Martí cai mortalmente ferido e seu cadáver é levado pelos espanhóis para ser sepultado em Santiago de Cuba.

Alguns anos antes, em um artigo da revista infanto-juvenil que editou, “La Edad de Oro”, ele havia dito: “Os versos não se hão de fazer para dizer que se está contente ou se está triste, mas para ser útil ao mundo, ensinando-lhe que a natureza é bela, que a vida é um dever, que a morte não é feia, que ninguém deve estar triste nem acovardar-se enquanto haja livros nas livrarias, luz no céu, amigos e mães”. (MARTÍ, 1997, p.18-19)

A morte física foi inevitável, contudo seu espírito se mantém vivo até os dias atuais, através dos diversos textos deixados por Martí. Artigos, cartas, crônicas e



poesias ainda hoje fazem ecoar sua voz guerreira. Seus “*Versos Sencillos*”<sup>3</sup> Sua luta, reconhecida como justa pelo povo cubano, serviu de exemplo e inspiração para outros tantos, dentre eles o argentino Ernesto Che Guevara e cubano Fidel Castro. Afinal, Martí não lutou apenas por Cuba, ele lutou pela América.

### 3 Os Versos Singelos

José Martí disse uma vez que não haveria literatura hispano-americana enquanto não houvesse Hispanoamérica. Com esse pensamento, Martí expressava sua ânsia por uma literatura que representasse esteticamente a realidade americana e de seu povo, sem desprezar a beleza que é inerente à arte. Martí tinha uma compreensão da América Hispânica como una, não só porque nela se fala a mesma língua castelhana, mas porque seu povo compartilha, de certo modo, das mesmas alegrias e das mesmas dores.

Mas a identificação, em Martí, não era apenas com o homem americano, com o homem ameríndio, com o homem hispânico. Ele se identificava com o homem universal, o homem “ser-humano”. “Não há barreiras ou oposição entre ele, indivíduo, e o seu povo, nem em relação à Humanidade, nem no que se refere a cada ser humano em particular”. (MARTÍ, 1997, p. 30) Em *Versos Singelos* (1997), o que encontramos não é uma coletânea de poemas, mas sim um poema inteiro onde a identificação com o homem comum, o homem do povo, aparece como essência desde a primeira quadra.

O poema serviu de inspiração para canções que se popularizaram na voz de cantores e grupos populares como Peter Seeger, Pablo Milanés e Raices de América, entre outros. A primeira estrofe do poema diz assim

Eu sou um homem sincero,  
De onde cresce a palma,  
E antes de morrer eu quero

---

<sup>3</sup> *Versos Sencillos*, ou *Versos Singelos* em português, é o livro que condensa o melhor de José Martí. Unindo a poesia popular à sua erudição de tradutor de Horácio, Hugo, Poe, Emerson e Longfellow, criou uma das mais significativas obras poéticas da América Latina, comparável à de Walt Whitman, a quem muito admirava, enquanto superação da estética europeia com o sopro de vida do Novo Mundo. (MARTÍ, 1997, p. 174)



Soltar meus versos da alma<sup>4</sup> (Cap I, 1997, p. 41)

Com esses versos, Martí representa o ser humano simples, sem grandes ambições, desejoso de paz e em harmonia com a própria natureza, ou seja, em sua liberdade. Parece um contrassenso que um homem que viveu a vida sob um tom revolucionário, que articulou os movimentos em prol da libertação de Cuba, que convenceu seus pares de que a luta era justa, fosse o mesmo homem que ansiava por paz e expressava esse anseio com suavidade singela nos versos do poema.

No entanto, pode-se perguntar: qual é o objetivo da revolução daqueles que se sentem deveras oprimidos? Não é a liberdade? O que almejam aqueles que vivem em lutas? Não seria a paz? Martí usou da singeleza e do lirismo em suas palavras para expressar o que estava disposto a realizar com suas próprias mãos. “Falando de si, ele fala de todos os homens. Não há barreiras ou oposição entre ele, indivíduo, e o seu povo, nem em relação à Humanidade, nem no que se refere a cada ser humano em particular”. (MARTÍ, 1997, p. 30)

Na segunda estrofe do poema, Martí revela mais uma característica da sua universalidade

Venho de todas as partes,  
Para todas partes vou:  
Arte sou entre as artes,  
Nas montanhas, monte<sup>5</sup> sou.(Cap. I, 1997, p. 41)

É nessa perspectiva universal, mas singela, que Martí coloca seus versos como arma de combate, em uma proposta literária engajada ele se coloca a serviço da pátria e nesse caso não se trata apenas da pátria mãe, Cuba, mas de uma pátria nova, universal, de um novo mundo.

Meu verso é como um punhal  
Que do punho lança flores:  
Meu verso é fonte em calores  
Que dá uma água de coral.

Meu verso é de um verde claro

---

<sup>4</sup> Utilizamos como fonte de pesquisa a obra “Versos Singelos”, de José Martí, traduzida e comentada por Sidnei Schneider

<sup>5</sup> Segundo o tradutor, Sidnei Schneider, a palavra “monte” em espanhol deve ser lida ao longo de todo o poema não apenas como uma grande elevação natural mas também como “terra coberta de árvores, arbustos ou matas; floresta, bosque”. (MARTÍ, 1997, p. 169)



E de um carmim incendiado:  
Meu verso é um cervo ferido  
Que na mata busca amparo.

Meu verso ao valente agrada:  
Meu verso leal, breve traço,  
Possui o vigor do aço  
Com que se funde a espada. (Cap.V, 1997, p. 61)

Diferentes sociedades, ao longo da história da humanidade, experimentaram em algum momento a sensação de revolta e tiveram períodos de luta contra um poder estabelecido. Em Cuba, não foi diferente.

Dores?! Quem ousa dizer  
Que eu tenho dores? Logo,  
Depois do raio, e do fogo,  
Terei tempo de sofrer.

Sei de um pesar profundo  
Dentre as dores sem nome:  
A escravidão do homem  
É a grande dor do mundo! (Cap. XXXIV, 1997, p. 133)

As palavras *dores*, *sofrer*, *pesar* relacionam-se com a *escravidão do homem* que abriu a ferida e é a causa da *grande dor do mundo*.

Aos tiranos, que feriram sua Cuba, que feriram Nossa América (1993), que ousaram espoliar e subjugar a humanidade no Mundo, Martí deixa em seus Versos Singelos (1997), um singelo recado:

Estimo a quem de uma vez  
Joga por terra um tirano:  
Estimo, se é cubano,  
E igual, se aragonês.

Amo os pátios sombrios  
Com escadarias bordadas;  
Amo as naves caladas  
E os conventos vazios.

Amo esta terra florida,  
Muçulmana ou espanhola,  
Onde abriu sua corola  
A pouca flor de minha vida. (Cap. VII, 1997, p. 67)

Martí era um nacionalista, mas ainda assim, em sua individualidade ele se identificava com o coletivo: a humanidade e suas mazelas.



Versos Singelos, considerando sua forma, é um extenso poema composto de 46 capítulos cujos versos estão organizados em octossílabos, agrupados principalmente em quadras, mas também em sextilhas, oitavas e estrofes livres. Considerando sua essência, poderíamos dizer que seus ingredientes combinam as coisas simples, o homem natural, o amor pela terra, o orgulho da pátria, a harmonia e a luta pela preservação das coisas essenciais.

### Considerações finais

A poesia é a representação simbólica, em versos, dos pensamentos e das palavras que almejam alcançar a dimensão do tempo e com ele permanecer. O caráter etéreo da poesia reside na renovação dos sentidos que se dá cada vez que com ela um novo leitor estabeleça contato.

É pelo fato de ela representar as percepções humanas, de quem escreve e de quem lê, acerca das coisas do mundo que acredita-se na possibilidade de haver alguma relação entre a poesia e a história, já que tanto uma como a outra encarregam-se do registro das atividades humanas.

Em Versos Singelos, Martí nos apresenta um “eu” que percebe o mundo de maneira universal. Um rebelde? Sim! Idealista? Com certeza! Utópico? Talvez... mas sobretudo um *eu* “humano” na acepção mais literária que poderia representar essa palavra. Um *eu* que sofre e se identifica com quem sofre. Um *eu* atento e que se mostra inconformado com a situação de dominação imposta pelo colonialismo. Um *eu* que se identifica com os milhares de “eus” que tiveram suas identidades roubadas, sua história subjugada, suas terras espoliadas e seus direitos vendidos.

Esse mesmo José Julián Martí y Pérez, amante da literatura, homem das letras, erudito – essencialmente simples – como se fora um estandarte em riste, entrega à luta sua arte e nela resiste.

### REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1998.



BUENO, A e NAPOLITANO, G. **Herança de Edward Said**: mito do 'Oriente' é criação ocidental. Historianet. São Paulo, 2003. Disponível em <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=568>, acesso em 08 de agosto de 2016.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa, Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

FANON, Frantz. **Los condenados de la tierra**. Buenos Aires, Argentina: Fondo de Cultura Econômica, 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, BA: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, P. P. Clássico do escritor queniano **Ngugi wa Thiong'o** é lançado no Brasil. Portal Uai e+, Minas Gerais, 2015. Disponível em [http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/24/noticia\\_pensar,169903/classico-do-escriptor-queniano-ngugi-wa-thiong-o-e-lancado-no-brasil.shtml](http://divirta-se.uai.com.br/app/noticia/pensar/2015/07/24/noticia_pensar,169903/classico-do-escriptor-queniano-ngugi-wa-thiong-o-e-lancado-no-brasil.shtml), acesso em 09 de agosto de 2016.

GALLAS, L. **Decolonialidade como o caminho para a cooperação**. Revista on-line do Instituto Humanitas Unisinos, n. 431, 2013. Disponível em [http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5253&secao=431](http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5253&secao=431), acesso em 09 de agosto de 2016.

MARTÍ, José. **Nossa América**. Antologia. Apresentação de Fernando Peixoto. Introdução de Roberto Fernandes Retamar. São Paulo, SP: Editora HUCITEC, 1983.

MARTÍ, José. **Versos Singelos**. Tradução, notas e posfácio de Sidnei Belmur Schneider; prefácio de Carlos Batista Lopes. Porto Alegre: SBS, 1997.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador**. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2007.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgar (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar>, acesso em 05.08.2016.

SAID, Edward. **Orientalismo**. Presentación de Juan Goytisolo. Traducción de María Luisa Fuentes. Barcelona, Espanha: Impreso em Liberduplex, Sant Llorenç d'Hortons S.L.U., 2008.

SITOE, F. **Reflexão do texto de Aimé Césaire "Discurso sobre o Colonialismo"**. Blog Pensar as Ciências Sociais, 2012. Disponível em <https://pensarascienciassociais.wordpress.com/2012/03/13/reflexao-do-texto-de-aime-cesaire-discurso-sobre-o-colonialismo-2/>, acesso em 08 de agosto de 2016.



THIONG'O, Ngũgĩ wa. **Decolonising the Mind**. The politics of language in African Literature. Great Britain: Typeset by Pen to Print, Colne, 2003.

VAINFAS, R. **Psicologia Colonial**. Folha de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0601200817.htm>, acesso em 08 de agosto de 2016.